



Karime Ahmad Borráschi Cheaito

Doutoranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (UNESP/UNICAMP/PUC-SP) e Mestre em Estudos Estratégicos (PPGEST/UFF). Pesquisadora no Laboratório Nexus (INEST/UFF) e no Grupo de Estudos sobre Conflitos Internacionais (GECI/PUC-SP).

HEZBOLLAH, A GUERRA E A GUERRILHA: REFLEXÕES A PARTIR DE CLAUSEWITZ E MAO TSÉ-TUNG

HEZBOLLAH, WAR AND GUERRILLA WARFARE: REFLECTIONS BASED ON CLAUSEWITZ AND MAO ZEDONG

RESUMO: O Hezbollah, grupo armado e partido político libanês, desperta a atenção internacional pelo seu papel sui generis como um ator não estatal armado que está presente e atuante no Estado e na sociedade libanesa. Considerado por alguns como uma organização terrorista e por outros como um ator político legítimo, o Hezbollah se destaca desde a década de 1980 por sua atuação armada contra Israel. A partir disso, emergiu o questionamento: as contribuições de teóricos da guerra, como Clausewitz e Mao Tsé-Tung, podem ajudar a compreender a ação armada do Hezbollah? Esse ensaio tem como objetivo analisar e refletir sobre o braço armado do Hezbollah à luz destes dois estrategistas, visando identificar a atualidade e os limites de suas abordagens. Para realizar a investigação, utilizou-se fontes primárias e secundárias, analisadas a partir de uma abordagem histórica e descritiva. Fundamentou-se em fontes sobre a guerra Hezbollah-Israel de 2006, sendo as informações e dados coletados analisados a partir das categorias teóricas-conceituais presentes nos textos originais de Da Guerra, de Clausewitz, e nos Escritos Militares Selecionados de Mao Tsé-Tung. Concluiu-se que a atuação armada do Hezbollah é possível de ser analisada a partir das contribuições desses autores clássicos, principalmente quando utilizados de modo articulado.

Palavras-chave: Clausewitz; Mao Tsé-Tung; Hezbollah; Israel; Guerra de 2006.

ABSTRACT: Hezbollah, the Lebanese armed group and political party, has attracted international attention for its unique role as an armed non-state actor that is present and active in the Lebanese state and society. Considered by some to be a terrorist organization and by others to be a legitimate political actor, Hezbollah has stood out since the 1980s for its armed action against Israel. From this, the question arose: can the contributions of war theorists such as Clausewitz and Mao Zedong help to understand Hezbollah's armed action? This essay aims to analyze and reflect on Hezbollah's armed arm in the light of these two strategists, in order to identify the relevance and limits of their approaches. The research used primary and secondary sources, analyzed from a historical and descriptive approach. It was based on sources about the 2006 Hezbollah-Israel war, and the information and data collected was analyzed based on the theoretical-conceptual categories present in the original texts of Clausewitz's On War and Mao Zedong's Selected Military Writings. It was concluded that Hezbollah's armed actions can be analyzed using the contributions of these classic authors, especially when they are used in conjunction.

Keywords: Clausewitz; Mao Tsé-Tung; Hezbollah; Israel; 2006 war.

1 Introdução

Na obra *Voices of Hezbollah*, Hassan Nasrallah¹ - antigo secretário-geral do Hezbollah, grupo armado e partido político libanês - comentou sobre a atuação do braço armado da organização durante a guerra com Israel em 2006: “Quero esclarecer este ponto: não era um exército regular, mas [também] não era um exército guerrilheiro [no sentido tradicional]. Era algo no meio” (Nasrallah; Noe, 2007, p. 396, tradução nossa e acréscimos ao original). Esta definição cria uma série de questionamentos, em especial a questão que motivou este ensaio: teóricos e estrategistas considerados clássicos nas Relações Internacionais e nos Estudos de Segurança podem auxiliar na análise de ações armadas de atores não-estatais contemporâneos, como o Hezbollah? Ao mobilizar as concepções de *exército regular* e *exército guerrilheiro* mencionadas no trecho acima, direcionamos a reflexão a dois autores considerados clássicos nas áreas da estratégia e da guerra: Carl von Clausewitz² (1780-1831) e Mao Tsé-Tung (1893-1973).

Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz nasceu em 1780 e integrou o exército prussiano desde os 12 anos de idade. Passos (2022) afirma que, após participar de diversas batalhas e vivenciar a Revolução Francesa, o general desenvolveu um entendimento ímpar sobre a inovação histórica do fenômeno bélico a partir daqueles eventos. Suas análises, que se tornaram clássicas e inovadoras nos estudos sobre guerras por permitirem uma compreensão desse fenômeno como inherentemente político, social e histórico, são centradas em duas ideias-mestras: a tipologia da guerra em guerra real e absoluta; e o entendimento da guerra como continuação da política por outros meios.

Mao Tsé-Tung nasceu em 26 de dezembro de 1893, em Shaoshan, na província de Hunan, na China. Ele foi o principal líder da Revolução Chinesa e governou o país de 1949 a 1976. A ruptura com o passado foi um objetivo perseguido por Tsé-Tung durante todo o seu governo e, além disso, afirmava que o ímpeto revolucionário deveria ser permanente até se alcançar o objetivo último de construir uma sociedade desenvolvida e igualitária (Nabuco, 2009). A tomada de poder por Tsé-Tung em 1949 ocorreu em meio a uma crise social: o país estava devastado pela guerra contra o domínio japonês e também pela guerra civil que enfrentou contra os nacionalistas. Sob sua liderança, a China passou por um conjunto de

¹ Hassan Nasrallah foi assassinado por Israel em 27 de setembro de 2024, em Beirute.

² Uma análise mais aprofundada e sistematizada da guerra entre Hezbollah e Israel em 2006, à luz da perspectiva clausewitziana foi realizada por Cheaito e Violante (2023).

reformas e transformações, com objetivos socialistas baseados na auto-suficiência e na igualdade social. Mao Tsé-Tung não apenas foi uma liderança política, como também um reconhecido estrategista militar. A sua obra “Escritos Militares Selecionados”, utilizada neste ensaio, é uma coleção dos seus principais escritos políticos e militares, que inclui suas reflexões sobre a noção de *Guerra Prolongada* e estratégia na guerra revolucionária da China.

Ambos autores contribuíram para os estudos dos fenômenos bélicos de formas diferentes: Clausewitz com enfoque nas guerras regulares e em sua intrínseca relação com a história, a sociedade e a política (principalmente pensando na realidade europeia); e Mao Tsé-Tung com reflexões sobre as guerras irregulares e a utilização da guerrilha como tática de combate (influenciado pela realidade e conjuntura chinesa).

Sendo a guerra metaoricamente um camaleão, como definiu Clausewitz (1976), torna-se notório como, histórica e gradualmente, novos atores e tecnologias passaram a compor os conflitos bélicos, entre eles os chamados atores não-estatais armados (ANEAs). A partir do exposto, esta investigação objetiva promover reflexões sobre *se* e *como* a atuação armada do Hezbollah na guerra contra Israel, em julho de 2006, pode ser analisada a partir dos escritos de Clausewitz e Mao Tsé-Tung. A hipótese apresentada é que, apesar das suas limitações, ambos autores continuam relevantes para a compreensão de fenômenos bélicos e atores armados, mesmo que contemporâneos e não convencionais. Argumenta-se, com isso, que se utilizados de forma combinada e articulada, com respeito aos seus limites e objetivos, Clausewitz e Mao Tsé-Tung podem auxiliar na compreensão e sistematização da atuação do Hezbollah na guerra contra Israel em 2006.

Essa pesquisa, de caráter qualitativo e histórico-documental, empregou os métodos de pesquisa bibliográfica e documental, em conjunto com a técnica de estudo de caso, com base em fontes primárias e secundárias. As fontes secundárias foram coletadas em bancos de dados nacionais, como o Banco de Teses e Dissertações da Capes e o Portal de Periódicos da CAPES, e de bases internacionais, notadamente o *Web of Science* e a plataforma Scielo. No caso das fontes primárias, especificamente dos documentos libaneses, foi identificado um problema estrutural e histórico do país no que diz respeito ao arquivamento e disponibilização de documentos considerados sensíveis. Desse modo, buscou-se apreender aqueles disponíveis com acesso *online* e público, mas que ainda constituíram um número limitado de fontes. Por isso, utilizou-se principalmente de relatórios produzidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a guerra de 2006.

Sistematicamente, a pesquisa foi realizada a partir dos seguintes procedimentos: 1) formulação e delimitação do problema de pesquisa; 2) definição do caso; 3) realização uma visão macro do problema de pesquisa através da inserção do caso elencado no interior da lógica de um processo; 4) determinação das variáveis que seriam consideradas, privilegiando aquelas trabalhadas por Clausewitz (táticas, estratégias e objetivos políticos) e por Mao Tsé-Tung (guerrilha e guerra irregular); 5) coleta de fontes primárias e secundárias; 6) avaliação e análise dos materiais coletados e utilizados; 7) testagem da hipótese a partir do estabelecimento de nexos entre as informações e dados obtidos com o objetivo central; 8) sistematização da análise e dos resultados obtidos.

Os dados coletados foram sistematizados e analisados a partir das categorias teórico-conceituais dos dois autores centrais utilizados nesta investigação, em diálogo com o objetivo estabelecido. Dessa forma, priorizou-se a concepção teórica de guerra formulada por Clausewitz, o qual comprehende que o objetivo final da guerra é político, mas que os meios podem ser variados, de modo articulado com as contribuições de Mao Tsé-Tung, com enfoque na guerrilha, nas táticas e estratégias não convencionais de guerra.

A partir disso, essa investigação foi estruturada do seguinte modo: inicia-se com uma breve apresentação sobre o Hezbollah e um breve histórico de suas relações com Israel, com enfoque no contexto que antecedeu e justificou a eclosão da guerra de 2006. Posteriormente, é abordada a definição de guerra desenvolvida por Clausewitz e seus principais fundamentos, com destaque para as concepções de política, estratégia e tática. Em seguida, explora-se os escritos militares de Mao Tsé-Tung, com enfoque nas características da guerrilha e dos guerrilheiros apresentados pelo estrategista. Encerra-se com uma análise das contribuições e limites destes escritos na análise sobre o Hezbollah e sua atuação armada contra Israel em 2006, finalizando com uma breve consideração sobre a temática.

2 “Algo no meio”: uma breve apresentação do Hezbollah e o início da guerra de 2006

O braço armado do Hezbollah, denominado de Resistência Islâmica Libanesa, foi criado em 1982 como resposta à invasão israelense ao território libanês naquele ano, conhecida como “Operação Paz para a Galiléia”³. Essa operação sucedeu a “Operação Litani”,

³ Conhecida como “Operação Paz na Galileia”, a invasão terrestre e aérea foi resultado de uma campanha militar conduzida pelas Forças de Defesa de Israel (FDI) em 1982, que tinha como objetivo combater organizações palestinas estabelecidas no Líbano, em especial a Organização pela Libertação da Palestina (OLP).

que marcou a primeira ofensiva e invasão de grande intensidade de Israel contra o Líbano, em 1978. O Hezbollah surgiu, desse modo, com o objetivo principal de retomar a soberania libanesa e expulsar os invasores a partir da luta armada. Foi em 1984 que a organização definiu o nome Hezbollah (Partido de Deus, em português) e, em 1985, foi publicada a “Carta Aberta aos oprimidos do Líbano e do Mundo”, manifesto que simbolizou sua fundação oficial. Embora os seus membros fundadores tivessem sido fortemente influenciados pelas ideologias do Aiatolá iraniano Ruhollah Musavi Khomeini e da Revolução Iraniana de 1979, cabe destacar que o Hezbollah possuía objetivos políticos territorialistas e pragmáticos, centrados principalmente na libertação das terras libanesas ocupadas por Israel (Cheaito, 2023).

Desde o seu surgimento, o Hezbollah se destacou pelo fornecimento de uma extensa e eficiente rede de serviços sociais (como escolas e hospitais), que oferece, a custos reduzidos, serviços e recursos que, normalmente, não são fornecidos pelo Estado a uma parcela expressiva da população mais pobre (Meihy, 2016). Essa atuação favoreceu a construção de uma sólida base de apoio social⁴, principalmente entre os xiitas libaneses que, historicamente, foram negligenciados pelo Estado⁵. Com o fim da guerra civil libanesa (1975-1990), o Hezbollah decidiu, após intensos debates internos, ingressar na esfera política como um partido, deixando de ser apenas um grupo armado. Sua ala política participou das primeiras eleições no pós-guerra civil, conquistou assentos no parlamento e, desde os anos 2000, ocupa cargos ministeriais. Sua existência, desse modo, ganhou a legitimidade da população - especialmente pela sua base de apoio - e do próprio Estado, no qual atua politicamente. Entende-se, nesse sentido, o Hezbollah como uma organização multifacetada centrada, principalmente, em três eixos interconectados: o seu braço armado, o partido político e uma rede de serviços sociais⁶.

⁴ Uma pesquisa do Arab Barometer afirmou que os níveis de confiança no Hezbollah variam amplamente de acordo com a comunidade religiosa. Entre a população xiita, que está concentrada no sul e no leste, 85% dizem que têm muita ou bastante confiança no Hezbollah (Roche; Robbins, 2024).

⁵ Essa negligência está associada à estrutura política e social libanesa, que é fundamentada no Confessionalismo. Esse modelo político sectário estipulou que os principais cargos políticos-administrativos-militares do país seriam atribuídos aos cristãos maronitas, identificados por um contestado censo demográfico realizado pela França em 1932 como o grupo étnico-religioso majoritário. Com isso, sunitas e xiitas foram prejudicados no acesso a recursos e representatividade política.

⁶ Internamente, a divisão desses eixos não existe para a organização, pois estão interconectados dentro de sua estrutura. A divisão é realizada neste ensaio apenas para fins analíticos.

Enquanto um partido político, o Hezbollah compõe uma das principais coligações parlamentares do país, a qual foi essencial para os resultados das eleições presidenciais em 2025 após dois anos sem presidente (L'Orient le Jour, 2025). Apesar dos dados acerca de seu braço armado serem mais difíceis de acessar, em pesquisa publicada no *Foreign Affairs* em 12 de julho de 2024, o Hezbollah foi considerado o ator não estatal mais fortemente armado do mundo (Roche; Robbins, 2024). De acordo com o World Factbook da Agência Central de Inteligência dos EUA, a sua força militar possui mais de 150.000 mísseis e foguetes de vários tipos e alcances, além de drones e sistemas de defesa. Em 2021, o secretário-geral do Hezbollah afirmou que o seu braço armado possui em torno de 100.000 homens, embora esse número não seja consensual (Bigg, 2024).

A atuação armada do Hezbollah gerou preocupação para Israel desde seus anos iniciais. Essa preocupação foi evidenciada na fala de Yitzhak Rabin⁷, em 1985: “Penso que de todas as surpresas da guerra do Líbano, das quais a maior parte era ruim, a mais perigosa foi ver os xiitas saírem de suas garrafas” (Ferro, 2008, p. 158). A organização desenvolveu, entre os anos de 1980 e 1990, treze princípios⁸ de guerra para lidar com a ocupação israelense e, como demonstrado por Norton (2007), a campanha estratégica e a resistência contra a ocupação foi considerada bem-sucedida após a retirada unilateral de Israel⁹ em maio de 2000.

No entanto, após 18 anos de ocupação, não tardou para que uma nova guerra eclodisse entre Israel e o Hezbollah. Entre 2000 - com a retirada israelense - e 2006, a fronteira entre o Líbano e Israel foi campo de diversos e constantes atritos, conforme relatado em relatórios da UN Missions (2018). Desde 2000, o Hezbollah tentava realizar o que chamou de *al-wa'd al-sadiq* (Promessa Fiel, em português), que consistia na libertação de prisioneiros libaneses e palestinos que estavam detidos nas prisões israelenses (Norton, 2007). No dia 12 de julho de 2006, a organização lançou diversos foguetes em direção à Israel, atacou uma patrulha israelense e sequestrou dois soldados — Eldad Regev e Ehud Goldwasser — em um ataque que resultou na morte de três e dois feridos (UN Missions, 2018).

Ao realizar o sequestro, o Hezbollah declarou que visava iniciar negociações indiretas com o Estado de Israel para uma troca de prisioneiros (Daher, 2011). Contudo, diferentemente

⁷ Quinto primeiro-ministro de Israel que cumpriu dois mandatos, de 1974 a 1977, e de 1992 até seu assassinato em 1995.

⁸ Os 13 princípios estão disponíveis em Cheaito e Violante (2023, p. 49-50).

⁹ Israel se retirou, unilateralmente, do sul do Líbano em maio de 2000, no entanto, permaneceu com suas bases militares — até os dias de hoje — nas Fazendas de Shebaa, território libanês que Israel alega ser parte das ocupadas Colinas de Golã, na Síria.

dos sequestros anteriores, Israel respondeu a este ataque de forma maciça e imediata, marcando o início da guerra de 2006 (Norton, 2007). Um erro estratégico foi reconhecido, posteriormente, pelo próprio secretário-geral do Hezbollah, que afirmou: “Se o Hezbollah soubesse como Israel responderia, o grupo não teria capturado dois soldados israelenses no mês passado” (CNN, 2006).

De acordo com Daher (2011, p. 105, tradução nossa), o início da guerra se caracterizou por uma:

[...] série de ataques aéreos e terrestres contra o Líbano, o que ficou rapidamente conhecido no Ocidente sob o nome de “guerra dos 33 dias”. No curso desse afrontamento de mais de um mês, o exército israelense procedeu com bombardeios aéreos contínuos, concentrados sobre as zonas xiitas, e várias incursões terrestres, apoiados nos últimos dias de uma invasão de grande envergadura.

Após 33 dias, em 11 de agosto de 2006 o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) aprovou a Resolução 1701, que demandava a cessação total das hostilidades entre as partes envolvidas; a libertação incondicional dos soldados israelenses sequestrados; o desarmamento das milícias armadas libanesas e a retirada do Hezbollah da área fronteiriça. O Hezbollah e Israel concordaram com o cessar-fogo, e a resolução entrou em vigor em 14 de agosto de 2006. Entretanto, entre as exigências estabelecidas, o Hezbollah argumentou que manteria suas armas, visto que o território correspondente às Fazendas de Shebaa, no Líbano, ainda permanecia ocupado por Israel. Ao fim da guerra, 44 civis israelenses e 119 soldados das forças armadas foram mortos (Israel, 2006). Do lado libanês, 1.109 libaneses foram mortos, sendo a maioria civis, segundo a Human Rights Watch (2007b).

A partir dessa breve exposição que buscou contextualizar o Hezbollah e suas relações com Israel, especialmente a conjuntura que antecedeu a guerra de 2006, adentra-se a seguir na descrição de conceitos de Clausewitz que auxiliaram na análise que este ensaio propõe, com destaque para as concepções de *política, estratégia e tática*.

3 A guerra para Clausewitz: Política, Estratégia e Tática

A obra “Da Guerra” (1976), de Carl von Clausewitz, trouxe uma nova forma de apreender e analisar o fenômeno da guerra. Diferentemente de estrategistas que o precederam, Clausewitz buscou desenvolver suas análises sobre a guerra compreendendo-a como um fenômeno dinâmico, político e social, que se repete sistematicamente e historicamente em diversas sociedades e em diferentes períodos históricos. Apesar das particularidades espaciais

e temporais, as guerras possuem elementos comuns, como o fato de serem resultado de decisões políticas, que estão acima das decisões militares. O estrategista prussiano demonstrou, de modo inovador, a quantidade de variáveis que compõem uma guerra, abordando, inclusive, sobre a moral, os imprevistos e os seus efeitos psicológicos.

De acordo com Mei (2018), no verbete sobre *Guerra* presente no *Dicionário de Segurança e Defesa*, a teoria da guerra de Clausewitz é a mais influente e atual desde a publicação de sua obra. De maneira geral, a guerra pode ser definida para Clausewitz (1976) como um ato de força destinado a compelir o inimigo (ou adversário) a fazer nossa vontade. Segundo Mei (2018, p. 543), a guerra pode ser compreendida como o “confronto violento entre grupos politicamente organizados”, que tem seu início marcado por uma declaração de guerra e seu encerramento com um tratado de paz. Ao considerá-la como a continuação da política por outros meios - a máxima clausewitziana -, deve-se apreender, primordialmente, as relações políticas envolvidas no conflito armado, sendo a política, então, o “jogo das vontades” (Mei, 2018, p. 559).

Em sua obra, Clausewitz (1976) descreveu dois tipos de guerra: a guerra absoluta¹⁰ e a guerra real¹¹. Com foco na guerra real, esta compreende a existência, em qualquer conflito armado, do acaso, dos imprevistos e/ou da fricção. Sendo um fenômeno político e, portanto, fruto de decisões políticas, a ascensão aos extremos é evitada através da moderação das ações. Ao citar Clausewitz, Mei (2018, p. 558) afirmou que as guerras reais não são apenas “[...] um verdadeiro camaleão que muda suas características em cada caso concreto”, mas “uma estranha trindade que envolve razão, inteligência e paixão”, conhecida como a trindade paradoxal clausewitziana. Cheaito e Violante (2023, p. 55) afirmaram que essa, composta notadamente pelo Povo (paixão), Forças Armadas (inteligência) e Governo (razão), permite analisar que, “enquanto no conflito regular clássico, a violência é aplicada prioritariamente sobre a componente Forças Armadas — de modo a eliminar sua capacidade de resistir — na guerra irregular a aplicação da força se direciona sobre outro vértice da trindade: o povo”.

¹⁰ A guerra absoluta seria um tipo de duelo na mais ampla escala, na qual cada lado visa impor a sua vontade ao adversário através de três ações: o máximo uso da violência, o desarmamento do inimigo e a máxima mobilização da força. De acordo com Clausewitz (1976), esse tipo de guerra, com o emprego do máximo da força, não existiria na realidade, devido às questões políticas e à fricção existente em uma guerra real.

¹¹ A guerra real é aquela composta pelo Exército, governo e sociedade civil, que possuem interesses contraditórios. Nas guerras reais, a política e a diplomacia estão continuamente presentes, assim como o acaso e os imprevistos, o que impedem o uso máximo da força, como pressupõe a guerra absoluta.

Em *Da Guerra*, Clausewitz (1976) dedica sua atenção às guerras regulares, caracterizadas, de forma sucinta, pelo confronto armado entre Estados soberanos e que são empreendidas por soldados em exércitos tradicionais. De acordo com Mendes (2014, p. 102), “os movimentos e ações de um exército regular são razoavelmente esperados e visualizados”, diferente da guerra irregular, que comumente é marcada pelo confronto entre um Estado e um (ou mais) ator não estatal armado, ou seja, entre tropas regulares e irregulares. Saint-Pierre (2000) afirma que a guerrilha, o terrorismo, as guerras revolucionárias, de resistência, de libertação nacional e de contra-insurgência, salvo algumas exceções, compõem as chamadas guerras irregulares.

Embora não seja o enfoque central de seu livro, a *petit guerre* ou *guerrilha* teria sido objeto de diversas aulas proferidas por Clausewitz na Escola Geral de Guerra de Berlim, entre 1810 e 1811, e está presente no capítulo 26 do Livro VI de *Da Guerra*, intitulado “O povo em armas”. Apesar de não utilizar o termo guerrilha, Clausewitz faz referência ao confronto armado conduzido por civis. Vale lembrar que um dos fatos históricos que despertou a atenção de Clausewitz foi quando, após a derrota do exército espanhol para as tropas napoleônicas invasoras, a população civil da Espanha se armou para defender o seu território. Essa forma de luta gerou preocupações para o exército de Napoleão, já que se mostrou uma forma eficiente para resistir à ocupação (Saint-Pierre, 2000). Entretanto, o “povo em armas” não apenas preocupava Napoleão, como também a casta dos oficiais e a nobreza, que temiam uma revolta do povo contra si. Clausewitz (1976) descreveu a dimensão revolucionária da população armada que, como afirma Saint-Pierre (2000), poderia ser analisada em dois sentidos: (1) político, como um meio revolucionário perigoso para o inimigo, mas, também, para a ordem interna; e (2) militar, servindo tanto para a estratégia e tática de defesa nacional, como para a guerra revolucionária.

Entretanto, conforme destacado por Mendes (2014), o general demonstrava ceticismo quanto à possibilidade de uma guerrilha obter vitória sobre um exército regular. Desse modo, embora Clausewitz não tenha se dedicado em sua obra clássica às guerras irregulares e aos atores não-estatais armados, a existência de civis armados, envolvidos em uma luta nacional, despertou a atenção do general, para qual a guerra é política e são seus objetivos políticos que definem seu caráter. Essa premissa é central para a reflexão do ator e do processo desse ensaio, que se concentra no Hezbollah e a guerra de julho de 2006.

Dentre os termos centrais em uma guerra analisados e descritos por Clausewitz (1976), destaca-se, nessa pesquisa, a política, a estratégia e a tática. O nível político, basilar

nos escritos do general prussiano, é o que define as relações entre “amigo” e “inimigo”, as alianças estratégicas, as relações diplomáticas, os fins e objetivos de uma guerra e o controle dos meios. Em outros termos, “A política determina a conduta *da* guerra” enquanto a estratégia “determina a conduta *na* guerra (...)” (Saint-Pierre, 2000, p. 161, ênfase nossa).

Sobre a estratégia, Clausewitz (1976, p. 128) a define como a “utilização dos engajamentos para atingir o propósito da guerra”. Nesse sentido, a estratégia é responsável pelo planejamento das batalhas, tendo como foco as forças, o espaço e o tempo que serão necessários para que se atinja o objetivo final, que é definido pela política. Desse modo, a estratégia está intrinsecamente vinculada ao objetivo político da guerra e é definida por este. Clausewitz (1976) afirma, ainda, que a estratégia forma um elo responsável por interligar os níveis tático e político. Dentre os elementos estratégicos que são considerados, destaca-se: os morais, os físicos, os matemáticos, os geográficos e os estatísticos.

Por fim, o nível tático faz referência ao espaço das batalhas e combates. Segundo Saint-Pierre (2000), pode ser compreendido como o nível em que se define a atitude na batalha, incluindo: a quantidade de força, a sua característica, a atitude, a forma e a duração do combate. Clausewitz (1976) afirma que a tática pode ser descrita, em suma, como o emprego das forças no combate para se alcançar o sucesso tático. A evolução das armas, por exemplo, afeta diretamente o modo como as táticas são planejadas e aplicadas, modificando, concomitantemente, a estratégia, para que haja uma coerência na ação e um sucesso no objetivo político traçado (Farias, 2019). Desse modo, a política, a estratégia e a tática estão interconectadas e em constante adaptação diante das adversidades que compõem a guerra real.

A partir desta descrição, nota-se que a reflexão de Clausewitz esteve centrada, principalmente, nas guerras regulares, seu caráter político e na interação existente entre forças armadas regulares e governantes. Entretanto, através da tentativa de empregar as definições clausewitzianas em guerras irregulares, como no caso entre Hezbollah e Israel, observa-se que o emprego destas categorias não apenas é possível, como também contribui para uma investigação aprofundada sobre as táticas, estratégias e objetivos políticos que permearam a guerra de 2006 (Cheaito; Violante, 2023). Uma tática central utilizada pelo Hezbollah em seus confrontos com Israel foi a guerrilha, um tema pouco explorado por Clausewitz, mas central em Mao Tsé-Tung.

4 A guerrilha para Mao Tsé-Tung

Estrategista e autor clássico nos estudos sobre guerra, Mao Tsé-Tung elaborou reflexões teóricas e práticas sobre as guerrilhas¹². Na obra *Selected Military Writings of Mao Tse-Tung* (1963), o foco era as particularidades chinesas. Entretanto, ele desenvolveu seis pontos que constituem o programa estratégico para a guerra de guerrilha contra o Japão, que podem ser utilizados para compreender a tática empregada por outros grupos, como o Hezbollah: (1) uso da iniciativa, flexibilidade e planejamento na condução de ofensivas dentro da defensiva, batalhas de decisão rápida dentro da guerra prolongada e operações de linha externa dentro de operações de linha interna; (2) coordenação com a guerra regular; (3) estabelecimento de áreas de base; (4) defensiva estratégica e ofensiva estratégica; (5) desenvolvimento da guerra de guerrilha em guerra móvel; (6) relação correta de comando (Tsé-Tung, 1963, p. 154).

A guerrilha assume, entre suas características principais, a forma de ataques surpresa, que tem como objetivo levar as operações a uma decisão rápida e que visam, essencialmente, ocasionar o desgaste do adversário. Cabe definir, nesse ponto, o que seria a guerrilha. Enquanto tática, a guerrilha é historicamente utilizada desde os primeiros conflitos armados e pode ser empregada tanto em uma guerra regular como em guerras irregulares, notadamente de libertação, revolucionárias ou reacionárias. Entretanto, sua origem como um exército irregular ocorreu a partir da formação do exército regular, ou seja, com a criação do exército napoleônico e a formação de forças armadas com características de regularidade e modernidade (Saint-Pierre, 2000).

Os guerrilheiros são caracterizados, dentro dessa abordagem, por possuírem objetivos mais políticos do que militares. Para Mao Tsé-Tung, a ação política e a ação militar são entendidas como uma unidade. De acordo com Saint-Pierre (2000) - seguindo a definição de Carl Schmitt - os guerrilheiros possuem cinco características principais: 1) irregularidade; 2) ilegalidade; 3) compromisso político; 4) mobilidade tática; e 5) caráter telúrico. Embora o pesquisador afirme que Schmitt se detenha a uma análise mais legalista da guerrilha, os pontos destacados podem ser aprofundados e favorecer uma análise sistemática dos guerrilheiros. O que diferencia os guerrilheiros de outros combatentes ou atores armados,

¹² A grande manobra militar que mostrou a capacidade estratégica e política de Mao Tsé-tung ficou conhecida como "A Longa Marcha", a qual se caracterizou por uma retirada estratégica que levou o Exército Vermelho até o norte da China, em uma marcha de 16 mil quilômetros. Dentro desse movimento estrategicamente defensivo, o exército em retirada mantinha combates taticamente ofensivos.

desse modo, não é seu *modus operandi*, mas seus objetivos políticos. Em outras palavras, assim como o caráter da guerra e sua finalidade são definidas a partir de seus objetivos políticos, segundo Clausewitz, os guerrilheiros são caracterizados em razão de sua motivação política. Os combatentes do Hezbollah, por exemplo, não devem ser identificados como revolucionários pois seu objetivo político não é uma revolução¹³, mas a libertação nacional.

Outra característica tática central da guerrilha é a profundidade, ou seja, a capacidade dos guerrilheiros de se “diluírem” no tecido social. Tsé-Tung (1963) destaca a importância do apoio popular, fundamental no âmbito logístico, para o sucesso de uma ação armada. Saint-Pierre (2000) também ressalta a importância das formações guerrilheiras, inclusive, na conscientização política das bases de apoio. Entretanto, para o estrategista chinês, a guerrilha deveria ser compreendida como uma força auxiliar que, mesmo quando assume o papel principal em um combate, não teria a capacidade de conquistar a vitória sem um exército regular. Seu objetivo, nesse sentido, é desgastar o inimigo e auxiliar em uma estratégia defensiva, mesmo com o emprego de táticas ofensivas. Apenas as tropas regulares, nesta perspectiva, seriam capazes de alcançar a vitória da guerra pelo combate.

Contudo, quando analisamos a guerra entre Hezbollah e Israel em 2006, a participação das forças regulares libanesas foi mínima¹⁴ e, mesmo assim, o Hezbollah, um ator não-estatal armado (ou uma força irregular, de acordo com as definições clássicas), foi considerado o vitorioso após a retirada israelense em 33 dias em 2006. Poderíamos analisar, então, esse grupo armado e sua atuação na guerra de 2006 a partir dos preceitos de Clausewitz e Mao Tsé-Tung?

5 Uma análise do Hezbollah à luz de Clausewitz e Mao Tsé-Tung: contribuições e limites

A partir das categorias e definições expostas, principalmente sobre política, estratégia e tática para Clausewitz, e guerrilha para Mao Tsé-Tung, propõe-se uma reflexão sobre a atuação armada do Hezbollah. Notou-se que, em decorrência das características particulares da organização, em especial o fato de ser um ator não-estatal armado que atua dentro do Estado, e por utilizar, de forma combinada, táticas convencionais e não-convencionais de

¹³ Embora, em sua formação inicial, na década de 1980, a organização se opusesse ao sistema político libanês e defendesse o fim do regime confessional, a partir da década de 1990 o Hezbollah se inseriu na política libanesa e, até os dias atuais, faz parte desta estrutura.

¹⁴ Os relatórios da UN Missions acima mencionados descrevem os limites e deficiências do exército libanês, com dados sobre a redução do seu contingente em 2005.

guerra, a análise de sua atuação armada em 2006 seria enriquecida caso as contribuições dos dois autores clássicos citados nesse ensaio fossem utilizadas de forma articulada.

De acordo com Saouli (2019), em suas guerras contra Israel - tanto durante a ocupação israelense no Líbano nas décadas de 1980 e 1990, quanto em 2006 - o Hezbollah buscou se apropriar dos meios materiais e geográficos disponíveis para alcançar seus objetivos. A escolha dos meios esteve fundamentada na história da própria organização: uma força irregular que surgiu na luta contra um exército regular, dentro de uma topografia específica e com acesso a armas limitado. Segundo o pesquisador, a estratégia do Hezbollah era pensada e formulada com vistas a superar suas restrições militares e aproveitar (e criar) oportunidades na luta contra Israel.

Visto a desvantagem bélica em relação ao seu principal adversário, a necessidade de conhecer as táticas de guerrilha e a guerra de libertação fez com que as lideranças e membros do Hezbollah estudassem, desde sua fundação, casos semelhantes na história para se apropriar e adaptar segundo suas particularidades. Nesse sentido, essa organização aprofundou seus estudos especialmente sobre a guerra do Vietnã¹⁵. Entre as táticas de guerrilha utilizadas desde a década de 1980, observou-se os ataques surpresa e a busca pelo desgaste do adversário. Com essas táticas, o objetivo do Hezbollah era tornar a ocupação israelense no Líbano o mais dispendiosa possível, de modo a pressionar, principalmente, a opinião pública em Israel sobre a invasão. Nesse ponto, o Hezbollah foi bem-sucedido ao atingir este vértice da trindade paradoxal (o povo), que começou a pressionar o governo israelense pela retirada já na década de 1990. Gabrielsen (2014) destaca, por exemplo, a guerra psicológica intensamente utilizada pela organização nesse período. A pressão foi identificada como bem-sucedida, visto que Ehud Barak foi eleito primeiro-ministro em 1999 e uma de suas promessas de campanha foi se retirar do Líbano dentro de doze meses após assumir o cargo, fosse em conjunto com a Síria ou unilateralmente.

A partir das definições de estratégia e tática apresentadas por Clausewitz (1976), observa-se que, no início da guerra em julho de 2006, Israel ocupava a ofensiva estratégica e tática e o Hezbollah a posição de defesa, estratégica e tática, embora em diversos momentos,

¹⁵ As táticas de guerrilha utilizadas pelos vietcongs estão entre as mais bem sucedidas da história, servindo de base inspiradora para outros grupos que os sucederam, como o Hezbollah. Dentre as táticas incorporadas, foca-se na apreensão das técnicas inimigas e na capacidade de se adaptar a elas; crítica e autocritica durante o confronto para identificar os erros e os acertos em batalhas, de modo que a estratégica e a tática estivessem em constante diálogo; e a capacidade de elaborar armadilhas contra o adversário, se apropriando do conhecimento prévio do terreno e da geografia.

ao longo do confronto, essas posições se alterassem e o Hezbollah assumisse uma tática mais ofensiva (Cheaito; Violante, 2023). As suas estratégias defensivas estavam baseadas em uma combinação de desgaste e guerrilha operacional, que contavam com o amplo apoio social, além da mobilização dos meios de comunicação e propaganda. Em diálogo com a definição exposta por Tsé-Tung (1963), reforça-se que a profundidade e o apoio social são centrais para que os objetivos políticos dos guerrilheiros sejam bem-sucedidos.

Embora não seja uma força regular, o Hezbollah aplicou, sobretudo em 2006, táticas convencionais de guerra, como bombardeios intensos antes da chegada da infantaria israelense (Saouli, 2019). Além disso, destaca-se um considerável e variado poder de fogo capaz de atingir todo o norte de Israel, incluindo suas bases militares. Para realizar esses ataques, utilizou-se, majoritariamente, a Katyusha, armamento utilizado durante a II Guerra Mundial, que tem alcance de 20 quilômetros e velocidade de 690 metros por segundo. A vantagem desse míssil é seu acionamento por lançadores móveis que são difíceis de serem localizados pelos adversários. De acordo com Saouli (2019) e dialogando com a importância das decisões políticas em uma guerra, conforme apresentado em Clausewitz (1976), o uso da Katyusha partiu de uma decisão do conselho político do Hezbollah, tendo como objetivo estratégico a dissuasão, principalmente ao forçar a população do norte de Israel a se deslocar.

Entretanto, de acordo com Human Rights Watch (2007a), naquela ocasião o Hezbollah não possuía armas guiadas e de alta precisão, o que dificultava atingir precisamente alvos militares. Dessa forma, apesar das autoridades israelenses reconhecerem que a organização estivesse mirando, em diversos momentos, em alvos militares no norte de Israel, civis também foram vitimados. O relatório ainda destaca a dificuldade de se afirmar com que frequência os ataques de foguetes do Hezbollah atingiram alvos militares ou pousaram em suas proximidades, bem como comparar o número de tais ataques ao número de foguetes que atingiram áreas civis.

No entanto, somente esses meios não eram suficientes para um sucesso estratégico. O objetivo de se empregar táticas de guerrilha, nesse sentido, era alterar a ordem de poder através dos meios disponíveis e, principalmente, do conhecimento do território que estava sob ocupação. Como dito inicialmente, após a guerra de 2006, Hassan Nasrallah (2007) afirmou que o braço armado do Hezbollah não era uma força regular, nem uma guerrilha, mas “algo no meio”. Entende-se, a partir dessa afirmação, que o Hezbollah adotou táticas de guerrilha contra Israel que, combinada com táticas convencionais, lhe permitiu uma vantagem decisiva sobre onde e quando atacar, usufruindo das vantagens da *espera* e *posição*, nos termos

clausewitzianos. Nessa fusão, o Hezbollah ora realizava bombardeios clássicos, ora emboscadas em estradas, típicas de guerrilhas, permitindo os ataques surpresas, descritos por Tsé-Tung (1963).

Em decorrência dos intensos bombardeios israelenses, diversas vilas no sul libanês foram esvaziadas, com o deslocamento forçado de milhares de libaneses. Com isso, a infraestrutura civil dessa região foi utilizada pelos combatentes do Hezbollah tanto para montagem de centros de comando descentralizados, como para realização de emboscadas e para garantir a profundidade e rápida dispersão. Com isso, os membros do Hezbollah conseguiam atacar rapidamente e, com a mesma velocidade, desaparecer na infraestrutura civil, que se tornou alvo das estratégias israelenses, especificamente daquela que ficou conhecida como Doutrina Dahiya¹⁶ (Saouli, 2019). Outra estratégia logística desenvolvida pelo Hezbollah para desgastar o adversário, foi a criação de uma rede de *bunkers*¹⁷ de comando e de armamentos que facilitavam o deslocamento e o acesso a recursos. O emprego dos *bunkers* foi fundamental para a descentralização dos recursos e dos comandantes, assim como dos pontos considerados sensíveis em uma guerra.

A aplicação de táticas convencionais, somadas à tática de guerrilha, dificultou a atuação das forças israelenses no interior do Líbano, tanto pelo seu desgaste no território libanês, quanto pelo desgaste de sua imagem no território israelense. Em diálogo com Tsé-Tung (1963), observa-se que, no caso do Hezbollah, a ação política e a ação militar precisam ser entendidas como uma unidade. A defesa do território, os objetivos políticos de seus guerrilheiros, a forte conexão com a terra e sua capacidade de permear no tecido social são características centrais trazidas pelo estrategista chinês e que se mostraram fundamentais para compreender os membros do braço armado do Hezbollah e sua relação com a população civil, principalmente daquela parcela que constitui sua base de apoio.

Contudo, um limite que se observa nas contribuições de Clausewitz (1976) e Tsé-Tung (1963) quando aplicadas ao caso do Hezbollah é o fato de que, tanto na atuação contra a ocupação israelense de 1982 a 2000, como na guerra de 2006, a presença das tropas regulares

¹⁶ A Doutrina Dahiya recebeu o nome de um bairro de Beirute densamente povoado e que concentra, em maioria, uma população xiita. Essa estratégia visava a realização de ataques deliberados e indiscriminados às estruturas e alvos civis, com o objetivo de gerar uma destruição massiva de infraestruturas urbanas que pudesse ser utilizadas pelo Hezbollah. Na aplicação dessa estratégia, não havia uma diferenciação entre estruturas militares, civis, combatentes e não-combatentes.

¹⁷ Estrutura ou reduto fortificado, construído embaixo da terra e comumente utilizado em situações de guerra como refúgio, esconderijo, salas de comando ou depósitos de armas, alimentos, medicamentos, entre outros.

libanesas foi mínima. Ambos autores destacam a importância das forças regulares para que, em qualquer confronto armado, se obtenha uma vitória. Contudo, no caso da guerra de 2006, o governo libanês afirmou que não era responsável pelo confronto armado e que não teve um conhecimento prévio da operação realizada pelo Hezbollah em 12 de julho de 2006, que resultou no início da guerra.

O emprego da guerrilha, desse modo, não ocorreu de forma auxiliar às tropas regulares, como defende Tsé-Tung (1963). Na ocasião, o Hezbollah atuou majoritariamente sozinho, com o auxílio pontual de outras organizações armadas locais, como os grupos armados palestinos presentes em território libanês. Sem contar com o apoio das forças armadas regulares¹⁸, a articulação entre táticas e estratégias convencionais e não-convencionais de guerra foi uma necessidade para o Hezbollah e permitiu que, mesmo sem ser uma força regular, a organização obtivesse um sucesso na guerra, sendo reconhecido interna e regionalmente (Cheaito; Violante, 2023).

6 Considerações finais

Partindo da afirmação de Clausewitz (1976, p. 89, tradução nossa) de que a “[...] guerra é um verdadeiro camaleão que sutilmente adapta suas características para o caso dado”, este ensaio objetivou averiguar a atualidade e as limitações de dois autores clássicos da guerra, notadamente Clausewitz e Mao Tsé-Tung, ao serem empregados na análise de atores e conflitos contemporâneos. Para tanto, adotou-se como estudo de caso o Hezbollah e sua atuação na guerra contra Israel em 2006. A investigação buscou proporcionar reflexões sobre as complexidades da guerra irregular, descrita por Mao Tsé-Tung, e as interações entre estratégias, táticas e objetivos políticos, analisadas por Clausewitz.

Apesar de analisar um conjunto limitado de conceitos desses atores, em obras específicas, buscou-se apresentar como suas contribuições podem auxiliar nas reflexões propostas neste ensaio. O fato de Clausewitz não se aprofundar nos estudos sobre as guerras irregulares não invalida as premissas e análises advindas da teoria clausewitziana, que permanecem atuais e se mostram úteis em análises tanto de guerras convencionais, como das guerras irregulares. Como propõe Clausewitz (1976), qualquer análise de guerra deve

¹⁸ Como exposto pelo próprio Exército Nacional Libanês, devido às suas limitações e fragilidades, as forças conseguiram deslocar apenas cinco brigadas em agosto de 2006 para auxiliar o Hezbollah na fronteira (Lebanese Armed Forces, 2012).

evidenciar e analisar a articulação entre esses três elementos: objetivos políticos, estratégias e táticas. No caso da guerra mencionada, foi possível apreender os objetivos políticos, as táticas e as estratégias e como, através do diálogo entre eles, a atuação armada do Hezbollah neste conflito foi considerada bem-sucedida, visto a retirada israelense após 33 dias de combate.

Entretanto, as particularidades desse ator e seu modo de atuação evidenciaram certos limites da teoria de Clausewitz. Por utilizar a guerrilha e ser um ator irregular, observou-se que a análise poderia ser aprofundada caso fosse articulada com outro teórico e estrategista clássico da guerra: Mao Tsé-Tung. A descrição de Tsé-Tung (1963) sobre as guerrilhas mostrou-se fundamental para o objetivo desse ensaio. Embora o estrategista estivesse focado no caso chinês, suas descrições e caracterizações auxiliaram na compreensão sobre a atuação e os membros do Hezbollah, que se utilizam tanto de táticas convencionais, quanto da guerrilha em suas ações armadas.

Sendo o Hezbollah “algo no meio”, entre o regular e o irregular, como definido pelo seu antigo secretário-geral e exemplificado pelas ações armadas do grupo, buscou-se apresentar que, se trabalhados de forma articulada, as contribuições desses teóricos da guerra permitem uma reflexão e análise aprofundada sobre o caráter do grupo, seus objetivos, estratégias e táticas em combate e suas irregularidades, que lhe trazem complexidades únicas passíveis de serem investigadas.

Referências

- BIGG, Matthew Mpoke. *What We Know About Hezbollah's Military Capability*. The New York Times, 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/article/hezbollah-military-capability.html>. Acesso em: 09 jan. 2024.
- CHEAITO, Karime Ahmad Borrachi. *O Processo de Designação do Hezbollah como Organização Terrorista pelos Estados Unidos da América: Acusações, Contradições e Consequências (1985-2006)*. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança), Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 169 p., 2023.
- CHEAITO, Karime; VIOLANTE, Alexandre Rocha. *Uma análise da guerra Hezbollah-Israel de 2006 à luz da teoria clausewitziana*. Revista Brasileira de Estudos de Defesa, v. 10, n. 1, 2023.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *On War*. Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1976.
- CNN. Nasrallah: "Israel está em pânico". CNN, 27 ago. 2006. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2006/WORLD/meast/08/27/mideast.nasrallah/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

DAHER, Aurélie. *Le Hezbollah libanais et la résistance islamique au Liban: des stratégies complémentaires*. Confluences Méditerranée, v. 76, n. 1, p. 101-111, 2011.

FARIAS, Anna Carolina Monéa. *Clausewitz e os conceitos de terrorismo: continuação da guerra ou continuação da política?* 2019. Universidade Estadual Paulista. Disponível em: <repositorio.unesp.br/handle/11449/190849>. Acesso em: 12 jul. 2024.

FERRO, Marc. *O Choque do Islã: Séculos XVIII-XXI*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

GABRIELSEN, Iver. *The evolution of Hezbollah's strategy and military performance, 1982–2006*. Small Wars & Insurgencies, v. 25, n. 2, p. 257–283, 2014.

HUMAN RIGHTS WATCH. Civilians under Assault: Hezbollah's Rocket Attacks on Israel in the 2006 War: Summary. 2007a. Disponível em: <<https://www.hrw.org/reports/2007/ipt0807/2.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. Why They Died. *Human Rights Watch*, 2007b. Disponível em: <<https://www.hrw.org/report/2007/09/05/why-they-died/civilian-casualties-lebanon-during-2006-war>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

ISRAEL. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DE ISRAEL. *Israel-Hezbollah conflict: Victims of rocket attacks and IDF casualties, 12/08/2006*. Disponível em: <https://www.gov.il/en/pages/israel-hezbollah-conflict-victims-of-rocket-attacks-and-idf-casualties-jul-aug-2006>. Acesso em: 09 ago. 2024.

LEBANESE ARMED FORCES. *US Military Assistance to Lebanon: Equipping LAF Not Transforming It | 2012*. بذات لا يمسّ لا عقوّلا. Disponível em: <www.lebarmy.gov.lb/en/content/us-military-assistance-lebanon-equipping-laf-not-transforming-it>. Acesso em: 12 jul. 2024.

L'ORIENT LE JOUR. « Rien ne peut être fait sans nous » : le message du tandem chiite à Joseph Aoun. *L'Orient le Jour*, 09 Janeiro 2025. Disponível em: <https://www.lorientlejour.com/article/1442832/-rien-ne-peut-etre-fait-sans-nous-le-message-du-tandem-chiite-a-joseph-aoun.html>. Acesso em: 16 fev. 2025.

MEI, Eduardo. *Guerra*. In: SAINT-PIERRE, Hector; VITELLI, Marina (Orgs.). *Dicionário de Segurança e Defesa*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MEIHY, Murilo. *Os Libaneses*. São Paulo: Contexto, 2016.

MENDES, Flávio Pedroso. *Guerra, Guerrilha e Terrorismo: uma Proposta de Separação Analítica a partir da Teoria da Guerra de Clausewitz*. Carta Internacional, v. 9, n. 2, p. 96–108, 2014.

NABUCO, Paula. *Do grande salto à “desmaioização”: 20 anos de história chinesa*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 14., 2009, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: Sociedade Brasileira de Economia Política, 2009.

NASRALLAH, Hasan; NOE, Nicholas (ed.). *Voice of Hezbollah: the statements of Sayed Hassan Nasrallah*. New York: Voice, 2007.

NORTON, Augustus Richard. *The Role of Hezbollah in Lebanese Domestic Politics*. The International Spectator, v. 42, n. 4, p. 475-491, 2007.

PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos. *Clausewitz e a dialética guerra e paz*. Hoplos Revista de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais, v. 6, n. 10, p. 24–42, 2022.

ROCHE, MaryClare; ROBBINS, Michael. *What the Lebanese People Really Think of Hezbollah*. Foreign Affairs, 2024. Disponível em:
https://www.foreignaffairs.com/lebanon/what-lebanese-people-really-think-hezbollah?check_1oggued_in=1&utm_medium=promo_email&utm_source=lo_flows&utm_campaign=article_link&utm_term=article_email&utm_content=20240811. Acesso em: 11 ago. 2024.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. *A política armada: fundamentos da guerra revolucionária*. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SAOULI, Adham. *Hezbollah Socialisation and its Tragic Ironies*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019.

TSE-TUNG, Mao. *Selected Military Writings of Mao Tse-Tung*. 1. ed. Pequim: Foreign Languages Press, 1963.

UN MISSIONS. *UNIFIL Background*. 2018. Disponível em:
<https://unifil.unmissions.org/unifil-background>.

Recebido em 11 de janeiro de 2025.

Aceito para publicação em 17 de fevereiro de 2025.